

LEITURA DOS ELEMENTOS VISUAIS DA CULTURA LOCAL COMO CONTRIBUIÇÃO PARA INTERPRETAR O MUNDO: CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES NA ESCOLA.

MAIRA VIRGINIA XAVIER CRUZ (UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE - UNIPLAC), TANIA REGINA ANTUNES DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE - UNIPLAC).

Resumo

Este trabalho focaliza a leitura de imagens no contexto das práticas de professores de arte na escola; resulta da articulação entre duas pesquisas de mestrado em andamento. A arte, recentemente incluída por lei nos currículos escolares, entendida como capaz de trabalhar, a partir da leitura de imagens do ambiente, contexto e cotidiano escolar, a identidade cultural dos cidadãos e comunidades, caracteriza vertente relevante em tempos de transformações sociais e globalização, que homogenizam as culturas, minimizando suas características. O ensino da arte propicia reflexão, questionamentos, tomada de consciência do lugar do sujeito no seu contexto. Por ser produto da fantasia e da imaginação, envolvendo e acolhendo racionalidade e sensibilidade, as produções artísticas são, ao mesmo tempo, singulares e ancoradas em concepções e práticas sócio-históricas. Ao contrário do que o senso comum escolar veicula, elas não estão isoladas da economia, da política ou dos padrões sociais. Ideias, emoções, linguagens se transformam no decurso do tempo e assumem formas diferentes de lugar para lugar. É no movimento dialógico entre o que ensinar e o como aprender que podemos compreender o aprendizado da arte como forma de ampliar repertórios de alunos e professores, a partir das experiências artísticas, estéticas e culturais, individuais e coletivas. Resultando o fortalecimento da capacidade reflexiva, crítica e de resistência cultural, diante das ofensivas midiáticas ou mercadológicas que invadem todos os espaços sociais via tecnologias globalizadas. A arte na escola favorece construir sentidos pessoais e coletivos sobre as leituras, praxis e sobre si. Favorece fazer escolhas, conceituais e metodológicos, voltadas para a construção da autonomia cidadã: alicerces para a interpretação do mundo.

Palavras-chave:

leitura de imagens, cultura, identidade.

O estudo versa sobre as relações entre educação e arte, pensada na forma de contribuir não apenas como uma disciplina, mas como um suporte para a aprendizagem, como momento possível em ajuizar uma existência individual assumida no coletivo e relevante para formação cultural no espaço escolar. Trata-se em refletir o ensino da arte no contexto da educação brasileira, onde os direcionamentos partem á construção de uma identidade visual-cultural, sob uma proposta que permita repensar a função da educação em tempos de mudanças. Aliadas ao papel que as transformações sociais adquirem neste processo, estas são questões que resultam da articulação entre duas pesquisas de mestrado em andamento. Por um lado, considerando o campo da arte como uma perspectiva educativa, tendo a estética como um corpo de conhecimentos que não pode

permanecer restrito a interesses corporativos e da indústria do consumo é que avistamos na compreensão da cultura visual[1] um constante estado de pensar e refletir criticamente a sociedade e as manifestações da cultura visual que dela faz parte.

Por outro, a forma que se apresenta as concepções sobre o ensino de arte na escola, caracterizado-a não como espaço de criação, mas como geradora de tumultos[2], ressoa em desarticular hoje o prosaico entendimento de Artes Visuais como um livre fazer, como um processo descompromissado com o saber organizado; num verdadeiro espaço de inovação, liberdade e transgressão pela criatividade. Recentemente, refletir as atitudes, a importância conferida ao ensino da arte, remete-nos a uma reflexão acerca das diversas tendências e métodos pedagógicos que orientaram a organização do sistema educacional no Brasil ao longo da História da Educação. Nesse contexto, ressalta-se ainda que os padrões pedagógicos do ensino da arte, introduzidos nos currículos escolares, estão inteiramente relacionados à herança cultural dos povos que colonizaram nosso país. As aulas de Educação Artística, conforme previsto na Lei nº 5.692/71, eram fundamentadas nos conteúdos de livros didáticos, e a maioria abordava a arte sob a perspectiva da experiência ou da cultura estrangeira ou por meio do uso da tecnologia. Após a promulgação da Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que estabelece a arte como disciplina obrigatória nos currículos escolares, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais, inclusive para a disciplina arte, que propõem as orientações didáticas, os objetivos e os critérios para seleção e avaliação dos conteúdos para o ensino dessa disciplina, enfim um ensino voltado para as Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Construída ao longo de um processo de transições permanentes, da arte e da educação, produzindo na contemporaneidade uma certa inquietude por parte daqueles que atuam neste contexto, por assim motivam seu repensar, principalmente à responsabilidade de seu ensino.

Desta forma, para que haja uma compreensão e construção de conhecimentos em artes visuais, por um lado o caminho para sobreviver é tornar claro os possíveis conteúdos da arte na escola. Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Idéias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada, isolada. Construimos a história a partir de cada obra de arte examinada, estabelecendo conexões e relações com outras manifestações culturais. Desta

forma, para entendermos e modificarmos a situação da arte na educação, no contexto atual, com o objetivo de otimizá-la, encontramos na mescla de tendências educacionais as influências quanto ao ensino e a aprendizagem da arte, ao longo da história, o que traduz uma problemática quanto ao seu entendimento e aceitação atualmente. Neste sentido FUSARI e FERRAZ alertam que:

Para compreendermos e assumirmos melhor as nossas responsabilidades como professores de Arte, é importante saber como a arte vem sendo ensinada, suas relações com a educação escolar e com o processo histórico-social. A partir dessas noções poderemos nos reconhecer na construção histórica, esclarecendo como estamos atuando e como queremos construir essa nossa história. (FUSARI e FERRAZ, 1992, p. 20-21).

Contudo, relegada a segundo ou terceiro plano, vinculada à inculcação de valores que objetivavam a produção de bens de consumo e transplantada nos modelos de outras culturas ditas desenvolvidas, a arte no ensino brasileiro sofre várias distorções, provocando um emaranhado de posturas e uma grande confusão. A partir destas tendências[3] muitas situações foram desenvolvidas em sala de aula, mediante uma atuação improvisada e espontânea, em que a produção artística era concebida apenas como um aspecto da subjetividade pessoal do aluno sem estabelecer uma relação mais explícita com o caráter teórico e prático de sua elaboração-criação.

Diante deste panorama, a considerar: o elitismo das artes no Brasil, a desqualificação profissional precedida da implementação da lei 5692/71, a associação da disciplina com o desenvolvimento de técnicas, cópia, desenho livre ou auto-expressão levam a um acirrado preconceito, do qual não é leviano afirmar que perdura ainda hoje nas escolas. Neste caso, o ensino de arte não furta em caracterizar-se como coisa inútil, desprezado de conhecimento e finalidade maior, contribuindo na separação entre as artes ditas "arte maior" daquelas que constituem nosso cotidiano cultural.

Na atualidade a busca incessante por novas metodologias de ensino e aprendizagens de artes começam a articular mudanças na educação como um todo. Uma das formas de conhecimento reflexivo em arte se dá pelo o que denomina estudos da cultura visual, que parte do contexto próximo do educando para contextualizar o conteúdo a ser mediado, utilizando um texto visual para o conhecimento crítico de um meio sociocultural. Isso implica em romper barreiras disciplinares na tentativa de gerar conhecimentos em consonância com a

contemporaneidade e que, segundo Hernández (2000), apresenta imagens carregadas de referências culturais que estão vinculadas a outras imagens, constituindo uma trama de significados.

Encontramos na riqueza dos espaços formativos a viabilidade de integração aos estudos da cultura visual e, juntamente com a leitura de imagem de abordagem crítica, oferecer a prática educativa em arte; e à formação docente a constituição de uma prática pós-moderna ao ensino da arte na sociedade contemporânea. Resultando o fortalecimento da capacidade reflexiva, crítica e de resistência cultural, diante das ofensivas midiáticas ou mercadológicas que invadem todos os espaços sociais via tecnologias globalizadas. Frente a chamada cultura visual, ou da imagem, o ensino de arte vem a adquirir uma coerência mais próxima com a realidade da sociedade, principalmente quando relacionada à devida importância à leitura de imagem, percebendo nos discursos a compreensão entre o que se olha e a consciência do que se vê.

Não sem motivos, encontramos nesta relação o elemento estético um corpo de conhecimentos que não pode permanecer restrito a uma contemplação passiva por parte de seu espectador ou ainda submetida aos interesses corporativos e da indústria do consumo. Nessa perspectiva aliamos-nos com Hernández quando o autor alerta:

O que hoje constitui o domínio do visual é um efeito de outro tipo de força e relações de poder, e não um fato de caráter perceptivo. Isso nos leva à possibilidade de reduzir a experiência estética apenas a uma questão de informação, porque na era das imagens, há mais informação em nosso meio do que aquelas que vemos (2000, p. 133).

Esta é a visão que temos desta tessitura contemporânea: a busca de novas perspectivas para pensar o papel da arte, na educação em vias de uma compreensão ampliada da nossa cultura visual. Isso significa que a educação não se esgota no aprendizado de metodologias, de procedimentos que modifiquem nossa prática, mas que deve estar atrelada às condições teóricas das quais subsidiam uma outra forma de pensar – a práxis, que em termos de aquisição de conhecimentos: ela ajuda e formar o indivíduo enquanto autor de sua cultura e da sua história. Que olhar seria esse? Para Hernández seria refletir a educação a partir dos saberes da arte, da cultura visual o que é talvez considerado na forma de

“abordar um conhecimento socialmente inútil, ainda que rentável do ponto de vista da política, da economia e do prestígio pessoal” (Hernández, 2000: 27)

O ponto estratégico da compreensão da cultura visual está baseado nas relações entre cultura, conhecimento e poder e o estudo dessas relações é que estaria possibilitando para a educação e para a formação de professores, uma nova perspectiva cultural e a construção de um novo olhar sobre ela. Desta forma, a prática pedagógica torna-se um ato político, e não de transmissão de conhecimentos onde o professor deixa de ser quem apenas professa determinados saberes, mas passa a ser mediador do processo de construção da consciência crítica do aluno em relação ao seu meio cultural.

A ampliação da consciência visual possibilita neste sentido a construção de um repertório de imagens significativas, capacitando o indivíduo a imaginar, criar, compreender, ressignificar e criticar. Por isso, consideramos importante abordar a cultura visual no ensino da arte, pois trata, principalmente, de problemas relacionados às manifestações da cultura e da referência pós-moderna, como o multiculturalismo e os fenômenos ligados à globalização. A arte nesta perspectiva favorece construir sentidos pessoais e coletivos sobre as leituras, *praxis* e sobre si. Favorece fazer escolhas, conceituais e metodológicas, voltadas para a construção da autonomia cidadã: encontrar o significado das coisas a partir da vida que os rodeia, para a interpretação do mundo. As obras artísticas, os elementos da cultura visual, são, portanto, objetos que levam a refletir sobre as formas de pensamento da cultura na qual se produzem. Essa perspectiva de olhar a produção artística é um olhar cultural. Desta forma, compreender a cultura como sistema- social - significa admitir que cada costume, regra, crença ou comportamento faz parte de um conjunto de repertórios que dá sentido às partes. A cultura então não é tanto um conjunto de obras, mas um conjunto de práticas, tendo a relação com produção e intercâmbio de sentidos, ou seja, interagir os sentidos entre os membros de uma sociedade e de seu grupo partícipe.

Assim, o conhecimento subjetivado e as compreensões cultivadas por meio do estudo da arte proporcionam ferramentas para percepções e diálogos reveladores, críticos e plurais sobre arte, cultura e sociedade. Nesse sentido, o ensino de arte necessita realizar aproximações/enfrentamentos investigativos e conceituais de produções culturais, tanto as consagradas pelo sistema cultural dominante quanto às periféricas e do dia-a-dia: do bairro, de etnias, de gênero, das mídias, relacionando-as com o presente e com as percepções dos alunos. Sobretudo, sobrepujando o peso histórico do ensino da arte, a herança secular da

qual situou-a como trabalho manual e como acessório cultural, que se faz presente no espaço escolar; tornando difícil a superação da sua posição marginal e de práticas artísticas esvaziadas de sentido estético.

Referencias

BARBOSA, A.M. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991

FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.

ZIELINSKY, M. *A crítica de arte contemporânea nos contextos em transformação*. América, Latina: Territorialidade e práticas artísticas /organizado por Maria Amélia Bulhões e Maria Lúcia Bastos Kern. Porto Alegre: Editorada UFRGS, 2002.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Art Méd, 1998.

_____. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SCHRAMM, M. L. K. *As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte, Reflexões sobre o ensino das artes*. Joinville: Ed. Univille, 2001. v.1, p. 20-35.

In: PILLOTTO, S. S. D. SCHRAMM, M. L. K. (ORG.)

PILLAR, A. D (ORG.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

[1] Mestranda da Linha de Pesquisa - Políticas e Processos Formativos em Educação do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação da Universidade do Planalto Catarinense de Lages – SC sob proposta de dissertação: A arte na Educação: elementos para compreender a Cultura Visual.

[2] Mestranda da Linha de Pesquisa - Políticas e Processos Formativos em Educação do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação da Universidade do Planalto Catarinense de Lages – SC sob proposta de dissertação: A inserção da arte nas escolas de Lages e sua receptividade.

[3] A disciplina de Arte foi sendo construída historicamente no currículo escolar a partir dos pressupostos conceituais que nortearam as concepções pedagógicas do

ensino nas diferentes épocas. Na Pedagogia Tradicional, as aulas de arte focalizaram as aptidões para o desempenho de funções com ênfase num fazer técnico e científico, tendo como concepção estética imitar um padrão de beleza. Na questão do ensino e da aprendizagem da arte, esta continua restringindo-se à cópia e à repetição de modelos propostos pelo professor, com o objetivo de desenvolver a coordenação motora e a percepção visual do aluno, que se exercita ao copiar fielmente o modelo original. Os conteúdos são tratados como verdades absolutas, dissociadas da vivência dos alunos e de sua realidade social. Na Pedagogia Renovada, a ênfase estava no processo artístico como experiência individual. Conhecida também como Pedagogia Nova, Escolanovismo ou ainda Escola Nova. No tocante às teorias e práticas estéticas, a pedagogia escolanovista rompe com as cópias de modelos, e parte para a criatividade e a livre-expressão. A estética moderna privilegia a inspiração e a sensibilidade, acentuando o respeito à individualidade do aluno. A preocupação em artes passa a ser como o desenho livre e o conhecimento é deixado de lado, caindo no espontaneísmo. Vale ressaltar que com a ditadura de Vargas, a Escola Nova é afastada do poder, e a educação passa por um período de estagnação; o ensino-aprendizagem da arte fica de lado, até que surge outro movimento contrário à pedagogia tradicional que origina a Educação pela Arte, propondo a livre-expressão. Nesse período, a arte é considerada essencialmente expressiva, portanto não se ensina - se expressa. Augusto Rodrigues é elemento fundamental neste movimento, mais conhecido por -MEA - restringindo-se ao ensino não-formal, extracurricular e extra-escolar. Na Pedagogia Tecnicista (1960 e 1970), voltava-se para a formação de um indivíduo competente e produtivo, preparado para o mercado de trabalho, com ênfase no desenvolvimento de habilidades e técnicas. Nessa fase, percebe-se grande ênfase no uso de materiais alternativos, conhecidos como sucata e lixo limpo (SCHRAMM; In: PILLOTTO, Sílvia S. Duarte, 2001 p. 20-35).